

A pontamentos sobre memória, tempo e lugar sagrado no Vale do Amanhecer

Altirez dos Santos¹

Resumo: O presente trabalho analisa as inter-relações entre memória, tempo e lugar sagrado e como tais conceitos formam a estrutura mental na qual os as pessoas se reconhecem e transitam. Estas estruturas, que podem ser opressivas, fazem com que os indivíduos ressignifiquem construções antigas em arquiteturas simbólicas novas. Por isso colocaremos em diálogo Maurice Halbwachs e Mircea Eliade em suas obras *A Memória Coletiva* e *O Sagrado e o Profano*. Para tanto analisaremos brevemente alguns aspectos da comunidade místico-milenarista do Vale do Amanhecer, cuja doutrina é resultado da convergência de diversos elementos de outras religiões em uma bricolagem complexa na qual o sincretismo revela um forte apelo místico.

Palavras Chave: Vale do Amanhecer, Memória Coletiva, História, Espaço Sagrado, Hierofania.

Abstract: The present work analyzes the interrelationships between memory, time and sacred place and how these concepts form the mental structure in which people recognize and transit. These structures, which can be oppressive, cause individuals to resignify old constructions into new symbolic architectures. That is why we will put into dialogue Maurice Halbwachs and Mircea Eliade in his books *Collective Memory* and *The Sacred and the Profane*. In order to do so, we will briefly analyze some aspects of the mystic-millennarian community of the Vale do Amanhecer (Valley of the Dawn), whose doctrine is the result of the convergence of diverse elements of other religions in a complex bricolage in which the syncretism reveals a strong mystical appeal.

Keywords: Vale do Amanhecer (Valley of the Dawn), Collective Memory, History, Sacred Space, Hierophany.

Introdução

Estes apontamentos pretendem rascunhar a relação entre as categorias de memória, tempo e lugar sagrados na Comunidade Mística do Vale do Amanhecer, em Planaltina, no Distrito Federal. Este recorte foi pensado a partir do diálogo entre Maurice Halbwachs e Mircea Eliade, sobretudo em suas obras *A memória Coletiva* e *O Sagrado e o Profano*, respectivamente. O misticismo emergente do Vale do Amanhecer é (ou pode ser entendido como) a irrupção da cultura religiosa brasileira, de raiz mística, com forte acento pelos lugares e memórias de culto (como nas romarias, por exemplo).

Estas notas estão divididas em três partes. Após uma breve cronologia do Amanhecer, na primeira parte, analisaremos, na segunda parte, a teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs, que abordou a memória e cunhou a expressão *quadros sociais da memória*. De acordo com seu pensamento, a sociedade é organizada por meio de determinadas *estruturas* invisíveis, porém reais, que também organizam (*estruturam*) as pessoas. Para Halbwachs, contudo, a estrutura não é absoluta em relação ao ser humano, que tem a possibilidade de certa independência. Na terceira parte vamos desenvolver, a partir do pensamento de Mircea Eliade, o

¹ □Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestre em Ciências da Religião (UMESP, 2016). Endereço para contato: altirezss@gmail.com.

conceito de lugar (espaço) sagrado e como ele é importante na cosmovisão do Amanhecer, que valoriza o espaço separado como possibilidade de “entrar” no tempo cósmico.

O Vale do Amanhecer

A doutrina do Vale do Amanhecer foi fundada na década de 1970, no Brasil Central, por Neiva Chaves Zelaya, Tia Neiva, e por Mário Sassi, que organizaram em uma escola milenarista diversas percepções religiosas oriundas principalmente da umbanda e do catolicismo, além de elementos da Nova Era e da nova cosmologia. Formada inicialmente por membros da doutrina, a comunidade cresceu em número de adeptos devido ao carisma dos fundadores e às curas mediúnicas operadas no Vale. A comunidade do Vale localiza-se a cinquenta quilômetros do Plano Piloto de Brasília, na zona rural de Planaltina, situada em uma área de 22 alqueires nos quais estão abrigados o complexo de templos e também uma cidade com serviço comercial e população de aproximadamente 30 mil habitantes².

A doutrina, que preserva uma síntese religiosa única, organiza-se estruturalmente em uma complexa hierarquia de serviços que os adeptos realizam entre si e para os não iniciados e tem fortes apelos místico-milenaristas. Para contar a história do Amanhecer, é preciso contar a trajetória incomum de Tia Neiva, a fundadora.

Neiva Chaves Zelaya nasceu em Propriá, Sergipe, em 30 de outubro de 1925. Casou-se muito jovem e teve quatro filhos, dois meninos e duas meninas: Gilberto, Raul, Carmen Lúcia e Vera Lúcia. Durante a construção de Brasília, Tia Neiva veio com sua família para o Distrito Federal, onde acabou ficando viúva muito cedo e com as quatro crianças para cuidar, desenvolveu diferentes trabalhos para sustentar a família, sendo fotógrafa, motorista de ônibus e caminhoneira, fato notável até mesmo para os dias de hoje, chegando mesmo a possuir a própria frota de veículos que alugava para as obras da construção da nova capital.

Por volta de 1957, quando sua vida já estava relativamente estabilizada e possuía uma pequena companhia de caminhões, Neiva passou a ouvir vozes e ver vultos. Assustada, procurou auxílio com o padre de sua paróquia, pois as visões e sensações aumentavam a cada dia. Mesmo tendo recorrido ao auxílio médico da psiquiatria, nada foi diagnosticado nem as experiências mediúnicas cessaram. Neiva contava 33 anos nessa ocasião, como sempre lembram os seguidores do Amanhecer, a mesma idade de Cristo. No ano de 1958, por intermédio de Dona Neném, médium que realizou a iniciação de Neiva nos processos espirituais, Neiva passou a descortinar o vasto mundo espiritual a partir da Umbanda e outras correntes religiosas deste enfoque. Com o auxílio de Dona Neném, em 1959, passa a se comunicar com o espírito de Pai Seta Branca e vai residir em Alexânia, Goiás, onde funda a União Espiritualista Seta Branca (UESB), localizada na Serra do Ouro, no quilômetro 73 da rodovia Brasília-Anápolis, destinada a ser um pronto-socorro espiritual para almas atribuladas. Naquela localidade, Tia Neiva, além do atendimento mediúnico, mantinha uma serralheria, uma fábrica de farinha, um orfanato, uma farmácia, uma plantação de amendoim e uma pensão para os pacientes que não paravam de chegar (cf. MAIA, s/d: 1).

² No centro do território situa-se a Área Iniciática, que abriga o grande santuário com 2400 metros de área coberta chamada Templo Mãe e demais espaços ritualísticos. Para fora da Área Iniciática há outros espaços religiosos como o Solar dos Médiuns, Lago Mãe Iara, Morro Salve Deus e dependências administrativas ou caritativas próprias da organização do Vale.

Durante o período em que esteve ligada à UESB, de 1959 a 1964, Tia Neiva teve dupla instrução sobre a transcendência, pois além dos ensinamentos de Seta Branca, recebidos em visões, ela também se beneficiou dos conhecimentos recebidos de um monge budista do mosteiro de Lhasa, no Tibet, o Mestre Humahã, que não era uma entidade etérea, mas sim um espírito encarnado e vivendo no período contemporâneo. Para receber as instruções de Humahã, a médium se desdobrava espiritualmente até o Extremo Oriente e se beneficiava do fato de o monge conhecer o idioma português. Por cinco anos, dia após dia, Neiva recebeu as instruções doutrinárias do novo mundo que estava se descortinando e ao término de sua formação, recebeu o título de *Koatay 108*, indicando sua cidadania espiritual. O número 108 refere-se tanto ao conhecimento de 108 mantras espirituais revelados a ela quanto a uma coroa astral de 108 diamantes luminosos que foi colocada sobre sua cabeça para indicar sua alta dignidade iniciática. Também foi-lhe revelado que ela teria sido, em outras vidas, Nefertite, Cleópatra, e uma cigana chamada Natachan.

Em 1964, após se separar de Mãe Neném, Neiva muda-se com alguns médiuns para Taguatinga, onde registra a entidade Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã e continua desenvolvendo trabalhos de assistência espiritual, os quais, entretanto, devem ser encerrados pelo fato de o terreno possuir litígios judiciais. É nesse período que Mário Sassi conhece a clarividente e passa a ser uma pessoa de especial relevância para o que virá a ser a doutrina.

Orientada pelas entidades, ela descobre o terreno de Planaltina, que havia sido a Fazenda Mestre D'Armas, e no dia 15 de novembro de 1969 instala-se nele, precisando vencer uma ação processual em função de o terreno ser destinado à construção de uma hidrelétrica. É neste descampado que os adeptos usaram pela primeira vez o nome Vale do Amanhecer e onde Tia Neiva permaneceu até seu desencarne em 15 de novembro de 1985.

Para a doutrina, a humanidade precisa se redimir de pesados ônus adquiridos no planeta em sucessivas reencarnações ao longo de milhares de anos. Nesse período de tempo, diversas levas de espíritos chegaram à Terra vindos de planetas mais evoluídos, como Capela, para colaborar com a organização planetária ou como degredados. De uma forma ou de outra esses espíritos criaram a civilização humana e agregaram a ela suas próprias contradições de origem³. Os próprios membros do Vale do Amanhecer são membros de uma destas levas de espíritos, a Tribo dos Jaguares, que aqui chegaram com muitas contradições, mas que após a conclamação realizada por Tia Neiva, estão prontos para realizar a missão final no Planeta (que consiste em resgatar do carma espíritos encarnados e desencarnados) e retornarem para Capela. Este resgate é a missão central da doutrina e foi ordenado por Jesus Cristo a um grande colaborador espiritual, Pai Seta Branca, o mentor religioso dos jaguares.

Atuando dentro da consciência da Nova Era, o Vale do Amanhecer propõe uma abordagem interreligiosa e inclusiva da humanidade, por isso tanto seu tecido da memória coletiva quanto sua cronologia e espaço sagrados são construídos sempre em diálogo com as outras tradições religiosas, mas sempre com muita inovação. A extrema complexidade doutrinária feita de releituras e originalidades ou permanências e rupturas constitui um fenômeno religioso que tem muito a dizer às demais religiões sobretudo nas categorias de inclusão e diálogo religioso, suas marcas características.

³ Mestre Reginaldo nos explicou que este é o verdadeiro *pecado original*.

A memória coletiva

Maurice Halbwachs discutiu as relações sociais da memória e cunhou a expressão *quadros sociais da memória*. Escolhemos Halbwachs pois, de acordo com seu pensamento, a sociedade se organiza de acordo com determinadas estruturas invisíveis, porém reais, e as pessoas também obedecem aos mesmos padrões estruturais. É a teoria do estruturalismo, mas, diferente de outros estruturalistas, Halbwachs não atribui peso absoluto à estrutura, entendendo que o indivíduo tem autonomia para interagir e não ser submergido por elas.

Neste sentido, as comunidades religiosas, onde percebemos as estruturas de forma clara nos mitos, ritos e interditos, são espaços onde acontece a tensão entre o instituído e o vivenciado. É o campo onde a memória pode ser um território da autonomia do indivíduo.

A questão é importante porque até mesmo as categorias mais simples como tempo-espaço podem ser estruturas incrivelmente poderosas. Parafraseando São Paulo quando, tratando do açambarcamento divino sobre a realidade, formulou que “Em Deus existimos, nos movemos e somos” (At 17, 15-22), poderíamos aplicar a mesma lógica ao tempo-espaço e à história-memória coletiva, categorias indissociáveis sem as quais é impossível pensar o indivíduo, já que não haverá, sem elas, onde “ancorar” ou situar o ser histórico. Halbwachs assim define memória coletiva:

Memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém (HALBWACHS *apud* SILVA, 2009, p. 4).

Neste sentido, o tempo histórico, sucessão de todos os fatos vivenciados e documentados de algum modo, seja ele formal ou informal, é, por assim dizer, o palco ou passarela onde se desenvolvem as representações humanas. E se o tempo é palco, podemos dizer que a memória coletiva é o *script* do pretérito ao qual nos voltamos a partir do presente. Assim, “os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenaturais, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar” (ELIADE, 2000, p. 22).

Nas comunidades humanas de várias épocas a interrelação entre os membros gera acontecimentos que serão guardados na memória do grupo. Deste acervo são retiradas memórias fundantes destinadas a manter a coesão social e a própria identidade coletiva. Em momentos históricos de fragilidade, por exemplo, é comum que os valores e anseios de uma comunidade saiam do inconsciente social na forma de apelos religiosos de cunho místico e com traços de messianismos e milenarismos. Como temos visto, tais irrupções são sempre carregadas de signos não só religiosos, mas sociais e políticos e só podem ocorrer a partir das memórias coletivas.

Por isso, das memórias construídas, muitas são as que foram preservadas ou evocadas com o objetivo de recobrar uma postura esquecida ou favorecer um determinado procedimento. Deste baú de recordações saem também os acontecimentos que servem como precedentes para a legitimação de práticas, poderes e comportamentos.

Halbwachs, (1990, p. 25) em sua reflexão sobre a memória coletiva ressalta a importância da história até mesmo para que o indivíduo possa situar-se perante o grupo: “fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para

completar o que já sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma”. Isto porque o complexo campo da memória é uma realidade interpenetrada pelos domínios pessoal e coletivo, com ambos se retroalimentando. Enquanto a lembrança será um ato individual, a recordação será um rito social da coletividade.

Os processos da memória são eventos muito subjetivos; para que o “mecanismo” da memorização possa funcionar é necessário que algum elemento de determinado fato, vivência ou acontecimento permaneça no espírito (*mens*) da testemunha ou sociedade, já que ideias e lembranças pessoais são as mais difíceis de evocar, pois não se instalam em redes sociais da memória: “No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens (*sic*), não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo” (*ibidem*, p. 51)⁴.

Isto se aplica, por exemplo, a comunidades imaginadas, como grupos nacionais ou religiosos, que costumam evocar determinados acontecimentos como eventos fundacionais das origens, que serão uma espécie de *elo* a vincular todos os que *se lembrarem* deles como episódios significativos. Nesse sentido, lembra Edgard Morin que a cultura atua como vetor para uma sociedade:

A cultura, principal característica das sociedades humanas, é organizada e atua de forma organizadora, através do recurso cognitivo da linguagem, a partir do capital coletivo do conhecimento, que se compõe de conhecimentos adquiridos, aptidões aprendidas, experiências vividas, consciência histórica e crenças míticas de uma sociedade (MORIN, 1995, p. 72).

Assim como para as comunidades imaginadas, grupos “concretos” e com duração mais efêmera no tempo e no espaço, como os de soldados, operários, estudantes e demais agremiações de tal natureza, costumam perpetuar na memória grupal e individual recordações de momentos significativos, específicos ou exclusivos daquele dado grupo. A percepção destes quadros de memória, porém, pode variar entre os envolvidos, dependendo disso diversos fatores como a intensidade que um acontecimento teve para um ou outro participante, já que as lembranças terão maior significância quanto maior for ou tiver sido a intensidade com que foram vividas. É a intensidade que também regula a consolidação de um acontecimento na memória afetiva: o frívolo, por estar descomprometido com sua realidade pode ser capaz de produzir uma memória medíocre, assim como o santo pode transformar-se em uma lenda e, portanto, em uma preciosa memória (cf. HALBWACHS, 1990, p. 31).

Lugar sagrado

O conceito de lugar (espaço) sagrado, tanto quanto as memórias religiosas construídas por seus fundadores, é central na Doutrina do Vale do Amanhecer. A arquitetura do Vale do Amanhecer revela a sobreposição de múltiplas influências,

⁴ Podemos ampliar esta reflexão com a teoria hologramática da sociedade de Edgar Morin: “A relação entre as mentes individuais e a cultura não é portanto difusa e sim do tipo hologramático e recursivo. Hologramático: a cultura está nas mentes individuais e estas mentes individuais estão na cultura. Recursivo: assim como os seres vivos buscam sua possibilidade de vida no ecossistema, que só existe devido às inter-retroações entre seres vivos, assim também os indivíduos podem criar e desenvolver seu conhecimento somente no âmbito de uma cultura que, por sua vez só se origina em função da inter-retroação cognitiva entre indivíduos; as interações cognitivas dos indivíduos regeneram a cultura, que regenera essas interações cognitivas” (MORIN, 1995, p. 77).

resultado da bricolagem das tradições cristã, umbandista e outras. É possível ver cruzes, menorás, cálices, imagens de Jesus, Maria, Iemanjá, Yara, rosários, a Bíblia. O lugar sagrado delimita o tempo cósmico e torna possível a comunicação do homem com a divindade. É como um mergulho do Templo para o Tempo. Assim definiu Mircea Eliade:

O homem religioso sente necessidade de mergulhar por vezes nesse Tempo sagrado e indestrutível. Para ele, é o Tempo sagrado que torna possível o tempo ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a existência humana. É o eterno presente do acontecimento mítico que torna possível a duração profana dos eventos históricos (ELIADE, 1992, p. 47).

Ou seja, é o Templo que torna significativo o Tempo. E também significa o ordinário e o quotidiano⁵. É por isto que os elementos sagrados não se contentam em ficar no santuário, mas vêm para fora e se concretizam a cada instante na existência da pessoa religiosa.

Mas para que a transcendência possa irromper na imanência é necessária a instituição de uma *circunscrição sagrada* na qual o Templo, forma elementar desta circunscrição, abra a possibilidade de contemplação do sobrenatural. Halbwachs sublinha a importância do espaço como referência:

Que as lembranças de um grupo religioso lhes sejam lembradas pela visão de certos lugares, localização e disposições dos objetos, não há do que se espantar. A separação fundamental, para estas sociedades, entre o mundo sagrado e o mundo profano, realiza-se materialmente no espaço (HALBWACHS, 1990, p. 154).

A cidade iniciática do Amanhecer é, como qualquer espaço religioso, delimitada geograficamente para separá-la do mundo profano. Nisto ela recupera a etimologia da palavra *sagrado*, que quer dizer *separado*. A área do Vale possui a forma de um triângulo e no julgar dos membros da doutrina, a forma triangular é a de uma espaçonave pronta para levantar vôo. Mas a demarcação de um lugar sagrado não acontece apenas nos limites externos. No interior há constantes referências ao mundo sobrenatural.

Segundo Eliade, com esta demarcação “é importante compreender que a cosmização dos territórios desconhecidos é sempre uma consagração: organizando um espaço, reitera-se a obra exemplar dos deuses [...]” (ELIADE, 1992, p. 23-24). Mas não é apenas isso: o espaço situa o indivíduo não apenas em relação aos deuses e, mais que estabelecer relações com uma história construída e materializada, regula as relações do sujeito com um referencial ideológico, como afirma Halbwachs:

Se, entre as casas, as ruas, e os grupos de seus habitantes, não houvesse apenas uma relação inteiramente acidental, e de efêmera, os homens

⁵ Para Jacques Le Goff (1990, p. 535) o congelamento da ordem cósmica por meio da disposição dos edifícios é uma tentativa de cristalizar o eterno no tempo e situá-lo no espaço: “A palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa 'fazer recordar', de onde 'avisar', 'iluminar', 'instruir'. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação.”.

poderiam destruir suas casas, seu quarteirão, sua cidade, reconstruir sobre o mesmo lugar uma outra, segundo um plano diferente; mas se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens. Quando um grupo humano vive muito tempo em lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores (HALBWACHS, 1990, p. 136).

Por “objetos exteriores” podemos compreender neste estudo as referências simbólicas de outras religiões presentes na doutrina, mitologia e liturgia do Amanhecer, que estão espalhadas por toda a Cidade do Vale. É possível que, por conta disto, as pessoas sintam-se representadas ali, pois a cultura religiosa brasileira está estampada em toda a parte com releituras e bricolagens. O espaço iniciático da Cidade teve importância capital para o desenvolvimento da doutrina, pois foi nela que os fundadores Tia Neiva e Mário Sassi viveram e é ela que as centenas de comunidades do Amanhecer tomam como centro de mundo e *locus* privilegiado no contato com o transcendente.

Sobre isto, Eliade (1992, p. 20) explica que a existência do lugar cúbico torna possível que o *axis mundi*⁶ tenha um suporte sobre o qual operar: todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente⁷. Assim ele define esta relação:

Instalar-se num território equivale, em última instância, a consagrá-lo: Quando a instalação já não é provisória, como nos nômades, mas permanente, como é o caso dos sedentários, implica uma decisão vital que compromete a existência de toda a comunidade. “Situar-se” num lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo”. Ora, esse “Universo” é sempre a réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses. (ELIADE, 1990, p. 23-24).

É no território separado do sagrado que acontece a manifestação do eterno, onde a categoria do tempo cessa e/ou adquire outra dinâmica; em solo sagrado entramos no tempo primordial e nos relacionamos com a divindade. No caso do Vale, a transplantação do Universo para o plano físico não se dá só nas categorias de espaço-tempo, mas também nas de história-memória, já que os elementos componentes da arquitetura física e teológica agregam diversos elementos que compõem a memória subterrânea da população brasileira.

⁶ Embora às vezes seja difícil perceber onde está o *axis mundi* físico na Cidade do Vale (pois parecem ser vários: o Santuário, o Lago, a Pirâmide), podemos encontrá-lo na Eclipse, que está no alto do Morro Salve Deus. É por meio da Eclipse que ocorre a catalisação das energias negativas do Planeta, que são redirecionadas ao Espaço Sideral e de lá retornam purificadas. No dizer dos mestres da doutrina, é ali mesmo que fica o centro do mundo.

⁷ Michel de Certeau (1996, p. 99) assinalou que a escolha de um território é uma concretização da vontade (chamada por ele de “próprio”) do grupo: “O ‘próprio’ é uma vitória do lugar sobre o tempo. Permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias. É um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo”.

A história da constituição do Vale como espaço sagrado reproduz a busca espiritual dos fundadores, que no início de sua missão fizeram uma peregrinação entre as religiões para entender o que acontecia consigo. A síntese realizada por eles ficou marcada por elementos religiosos presentes na memória coletiva dos brasileiros tais como milenarismo, personagens religiosos do catolicismo, espiritismo e do mundo religioso afro-indígena além de trazer para a nova religião elementos da cultura pop como as referências espaciais do cinema. Recortes de cosmovisões em nova perspectiva.

“Viver” os mitos implica, pois, uma experiência verdadeiramente “religiosa”, pois ela se distingue da experiência ordinária da vida quotidiana. A “religiosidade” dessa experiência deve-se ao fato de que, ao reatualizar os eventos fabulosos, exaltantes, significativos, assiste-se novamente às obras criadoras dos Entes Sobrenaturais; deixa-se de existir no mundo de todos os dias e penetra-se num mundo transfigurado, auroral, impregnado da presença dos Entes Sobrenaturais (ELIADE, 2000, p. 22).

Para o ser humano, que é naturalmente religioso, é muito importante que a religião, para além do tempo sagrado próprio, tenha marcas de presença no mundo, onde a transcendência será aberta e os Entes Sobrenaturais poderão se manifestar ao comungante. Assim, quando Tia Neiva recebia da espiritualidade as primeiras missões e era solicitada a desenvolver sua mediunidade, foi sendo orientada pelas entidades do plano superior a encontrar um local onde sua missão pudesse se desenvolver, uma terra prometida onde se ergueria uma cidade nova, de Deus, em oposição à cidade velha, do mundo. As edificações que mandou erigir para os rituais nos dizem muito sobre esta oposição, além, é claro, de apontarem para outra realidade, pois o monumento religioso é sempre um sinal, mas não só do passado⁸.

Considerações finais

Chegando ao fim deste esboço, percebemos que no caso do movimento religioso do Vale do Amanhecer as categorias da memória, tempo e espaço têm muito mais a nos dizer do que imaginamos, pois elas, estando interligadas, revelam múltiplos aspectos da realidade, que nem sempre são explicitados. Por exemplo, a partir da presente abordagem é possível perceber que a cidade sagrada do Vale do Amanhecer foi construída em uma dinâmica dialógica com a cidade de Brasília: a cidade do Planalto, simétrica e distante da vida humana quotidiana é a oposição à cidade do Vale, onde o ajuntamento excessivo de informações visuais e simbólicas em meio a multidões de pessoas, chega a causar espanto.

Muito mais que um *locus* diferente da capital do País, a cidade fundada por Tia Neiva e Mário Sassi quer ser uma capital espiritual para os seres humanos do Terceiro Milênio. Quer criar ali um novo centro do mundo e uma nova memória espiritual para uma Humanidade distinta daqueles seres humanos que se arriscaram a construir Brasília e a gerir os destinos da nação (cf. SASSI, 2003). Nesse sentido, ao olharmos para as categorias de tempo e espaço no Vale do Amanhecer, é com surpresa

⁸ Exemplo desta reflexão pode ser o Tempo Mãe, que, mesmo “carregado” de referências religiosas de outras matrizes religiosas, tem formato de espaço nave pronta para decolar e levar seus passageiros e tripulação para o céu do plano espiritual. Outros edifícios e a disposição física dos mesmos carrega esta mesma mensagem e lembra a todos que a passagem aqui é transitória, que a cidadania do povo separado é celeste.

que percebemos que a construção daquela cosmologia futurista, milenarista, tecnológica e integrada aos mitos fundantes da matriz religiosa brasileira porta, entre outras coisas, uma crítica social.

Referências

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

KAZAGRANDE, Mestre. **O Centurião: Doutrina do Amanhecer**. Santa Cruz de la Sierra, Bolívia: Edição do Autor, 2011. 1ª Ed.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MAIA, Cleiton Machado. **As técnicas xamânicas e o caso do xamanismo de Tia Neiva no Vale do Amanhecer**. S/l, Ed. do Autor: s/d.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

MORIN, Edgard. **Cultura – Conhecimento**. In WATZLAWICK, Paul e KRIEG, Peter (orgs). São Paulo: Editorial Psy II, 1995.

OLIVEIRA, Amurabi. Performance corpo e identidade: a imersão religiosa no Vale do Amanhecer. In: **Estudos de Religião**, v. 25, n. 41, 113-131, jul./dez. 2011.

SASSI, Mário. **2000: A conjunção de dois planos**. Brasília: Editora Vale do Amanhecer, 2003.

SILVA, Claudinei Fernandes Paulino da. **A Teoria da Memória Coletiva de Maurice Halbwachs em Diálogo com Dostoievski** : Uma Análise Sociológica Religiosa a partir da Literatura. *In*: Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas. Campinas: 6ª Edição, V.5 - Nº2 – Dezembro de 2009. ISSN: 1980-0215.

SOUZA, Marcos Antônio de. **Evangelho do Terceiro Milênio na voz de Koatay 108**: transcrição das aulas de Tia Neiva. Araguari: Edição do Autor, 2000.

TEMPLO ABAVAMO. Sítio oficial na Internet:
<http://temploabavano.blogspot.com.br>, acesso em 1º de outubro de 2014, 23h40.

Recebido para publicação em 05-07-17; aceito em 05-08-17